

'Religião da Amazônia', uma nova ideologia

Para pensador francês, ela foi engendrada pelos 'verdes' contra o progresso

NAPOLEÃO SABOIA
Correspondente

PARIS – A “religião da Amazônia” é um das principais vertentes da ideologia anti-progresso a que as forças de esquerda e de direita européias estão recorrendo no momento, para preencherem o vazio deixado pelo desmoronamento do marxismo e pelo ocaso do cristianismo.

A tese é defendida pelo escritor, professor e pensador liberal francês Guy Sorman no seu novo livro *O Progresso e seus Inimigos*, publicado agora em Paris (Editora Fayard) e que já desponta como um dos títulos mais polêmicos. Pelo que escreve Sorman, há “um novo pensamento único” na Europa, demasiado pessimista sobre a ciência e o progresso, e que poderia ser assim resumido: é preciso parar com as invenções e manipulações da natureza e das técnicas. Todas as grandes descobertas para o bem-estar da civilização já foram feitas.

Daí, no seu entender, “a recusa irracional, pelas elites dirigentes européias de esquerda e de direita em geral, das biotecnologias nos domínios médico e agrícola, da clonagem, mesmo para efeito simplesmente terapêutico, da energia nuclear e de outras conquistas das ciências”.

A isso se junta, segundo ele, “a doutrina ecológica, impregnada do pânico milenarista sobre o aquecimento da terra, que nenhum centro de pesquisa climatológica no mundo conseguiu demonstrar concretamente até agora”.

É no contexto do “fundamentalismo ambientalista” que o professor do Instituto de Ciências Políticas de Paris aborda a Ama-

zônia como o lugar e a síntese da nova religião engendrada pelos militantes “verdes” das diferentes sensibilidades ideológicas.

Ao tratar do assunto o pensador francês se confessa perplexo: “Durante 2 mil anos, todo o esforço do judeu-cristianismo visou colocar o homem acima da natureza, fazê-lo mais importante do que esta. Agora, vemos o fenômeno inverso, ou melhor uma revolução espiritual às avessas, com as árvores da Amazônia, em particular, virando objeto de adoração, erigin-do-se em divindades.”

Desse neopaganismo verde, os alemães se revelam os devotos mais extremados, “talvez para compensar o atraso pelo fato de terem sido os últimos pagãos na história da Europa moderna”. Ele denuncia a “cegueira voluntária” dos “verdes” que, encastelados em órgãos do governo brasileiro, nas ONGs e agências internacionais, desejam converter a Amazônia numa “grande igreja” e nisso negligenciam o drama social vivi-

DRAMA SOCIAL NA REGIÃO É IGNORADO

do pela região. “Os ecologistas não querem ver nem saber da sorte dos 20 milhões de habitantes da Amazônia nascidos dentro dos valores da civilização urbana e que reivindicam o direito ao pro-

gresso econômico e científico como os demais brasileiros.”

E acrescenta que, “numa visão mais extravagante do problema, ousaria afirmar que se o G-7, por medo das manifestações anti-progresso, encampar por inteiro – porque ele já deu alguns passos nessa direção – a doutrina religiosa sobre a Amazônia, em tal caso, deveria considerar os 20 milhões de habitantes da região como, digamos, vigários, freiras e sacristãos do novo culto e pagá-los corretamente pelo apostolado verde.”

Sorman revela que esteve na Amazônia, verificou de perto as experiências de desenvolvimento sustentado em curso e se convenceu de que é inteiramente possível conciliar a exploração e a conservação da floresta. Ele cita o exemplo de uma empresa suíça especializada na exploração racional de florestas tropicais e que opera desde 1997 numa área de 50 mil hectares comprada – com a autorização do governo federal – na região amazônica de Itacoatiara. A mata lá é explorada por um critério de rotatividade que permite o replantio contínuo e a conseqüente regeneração da floresta em 25 anos.

“Extremas precauções envol-

vem o corte de cada árvore. Vi uma silvicultura de precisão, a tal ponto que a empresa já recebeu atestado elogioso do Greenpeace, para o qual o ‘modelo de Itacoatiara’ deveria ser transplantado para o resto da Amazônia e outras áreas do mundo”, diz Sorman. E acrescenta que tal manejo da floresta se processa sem risco ecológico e tende a ser economicamente muito mais rendoso do que os projetos para transformação da floresta em área de pastagens.

Sobre sua quarta expedição à Amazônia, Sorman destaca, além da experiência de Itacoatiara, a de outros projetos comunitários que procuram conciliar a

BRASÍLIA FICA ENTRE PRESSÕES E PROMESSAS

exploração e a conservação da floresta. E deplora a inexistência de uma política global do governo brasileiro, “clara, bem definida”, para a valorização econômica da região, segundo o próprio con-

ceito ecológico “algo difuso” de desenvolvimento sustentado.

Ele comenta: “O que prevalece, todavia, pelo menos por en-

quanto, é o dilema paralisante de Brasília entre as pressões e promessas internacionais de ajuda para que não se toque na Amazônia e a sobrevivência imediata de suas populações” A conseqüência disso, pela sua percepção, é clara. “Enquanto lá em cima, as autoridades brasileiras esperam as subvenções internacionais que nunca virão, cá embaixo, os caboclos prosseguem queimando a floresta na legítima defesa da subsistência. Isto quando não vão a Manaus à procura de um emprego quimérico na zona franca. Uma Manaus em vias de ‘clochardização’ absoluta às portas de gigantesco tesouro no qual ninguém pode tocar, salvo se você se dispuser ao contrabando...” (A.E.)